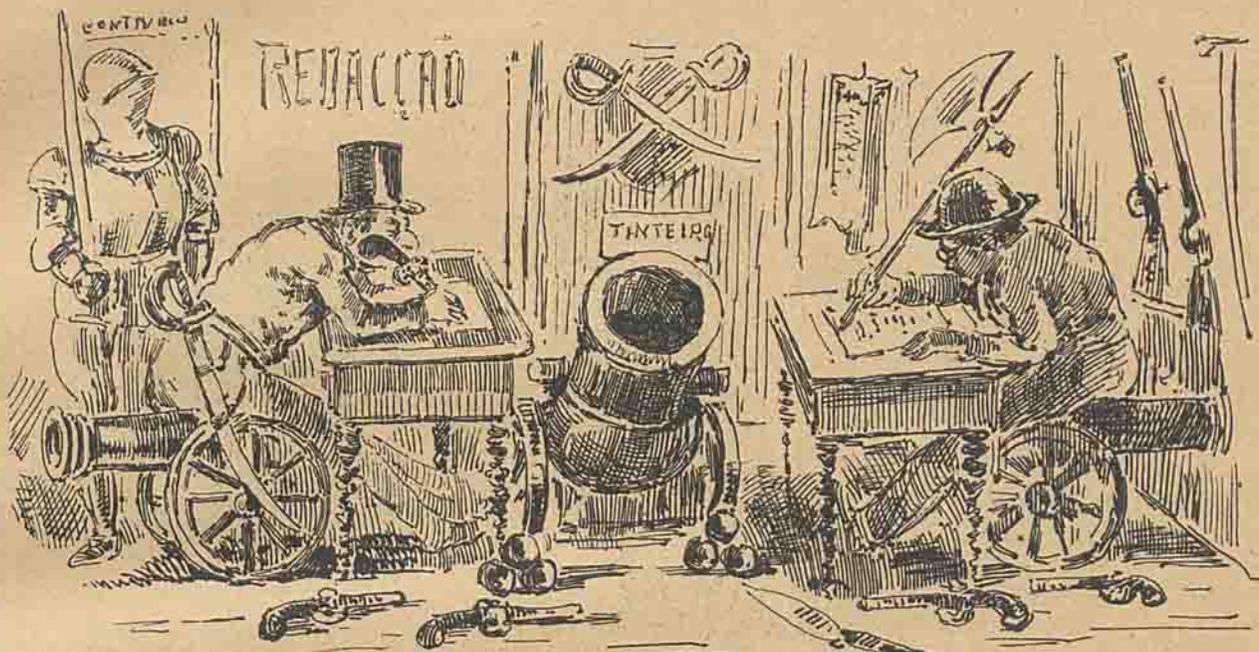


# OS DUELLOS NO CAMPO DA IMPRENSA



## ARTIGOS PARA DUELLO NO CAMPO DA HONRA



YAPHEL BORRALLO PINHEIRO

## DUELLOS PARA ARTIGO

## OS DUELLOS DO FUTURO



Os duellos, que só dão que fazer aos padrinhos, hão-de ir n'um crescendo de perfeição ao ponto dos combatentes se chegarem a coser costas com costas, matando dois dos padrinhos e deixando os outros dois para ficar quem redija as actas.

## CHRONICA

É de presumir que o leitor tenha já notado a como que brandura de linguagem de que ha um tempo a esta parte começámos a fazer uso.

Se notou, devemos-lhe uma *explicação* — tanto mais que presentemente estamos no tempo d'ellas...

Isto de *explicações* é fruta como os tomates e os figuinhos de capa rôta: em estes começando a apparecer nos logares da Praça da Figueira, apparecem logo aquellas nas columnas da imprensa jornalística.

Fructa do tempo, incontestavelmente!

Até parece impossivel como os almanachs ainda não inscreveram na sua secção util:

«Mez de agosto. No crescente semeia feijoca, enxerta laranja, rega pepinos e colhe *explicações*.»

E estamos certos de que, se o sr. Oliveira Martins tem accettato a pasta que ultimamente lhe foi offerecida, o novo ministerio teria de denominar-se «ministerio da agricultura e das *explicações*.»

Mas vamos á *explicação* promettida.

Na nossa qualidade de papel humoristico, critico, satyrico, e adversario chronico de todos os partidos que sobem e descem no throno do poder, cabia-nos a obrigação de empregarmos sempre para com esses partidos, ou para com os vultos eminentes que os representam, toda a violencia de processos de que o nosso lapis e a nossa penna fossem susceptiveis.

Assim procedemos por largo tempo, apepinando com o ridiculo, achincalhando com a satyra, amesquinhando com a laracha fina e grossa os nossos adversarios — muito vaidosamente convencidos de que eramos os primeiros na punjança da aggressão.

As vezes, remirando-nos n'uma estampa que julgavamos violentissima ou n'uma verrina que suppunhamos descabellada, não nos continhamos que não exclamassemos, cheios d'uma soberba a entornar por fóra:

Co'os diabos! Nós sempre somos muito violentos! Cêbo para tanta violencia! — como dizia um lindo homem a proposito da sua formosura...

Nós preferiríamos antes, é certo, empregar nas nossas aggressões, os processos delicados dos polemistas de primeira ordem, os que podem, porque muito sabem, aggreddir violentamente os antagonistas, sem nunca descalçar a luva; os que abrem brechas de morte no toitico dos contrarios, envolvendo a pedra na corola de formosissimas rosas...

Mas não nos chegavam para tanto os nossos modestissimos recursos e, como tal, limitavamo-nos a ferrar a nossa unha — porque lá diz o ditado que «cada um ferra a unha que tem...»

Subitamente, porém, eis que os polemistas de casa e laço branco nos invadem a seara e começam a respingar n'ella, levando-nos em breve as lampas no que respeita a *laracha grossa*.

Dois homens notabilissimos pelo seu saber, ambos ministros de estado — um em activo serviço e outro na

disponibilidade; — ambos jornalistas de primeira força, não encontrando na salgadeira dos seus talentos outro chorume com que temperem a panella das discussões politicas, limitam os seus reptos, os seus ataques, a sua argumentação a chamarem-se mutua e publicamente *refinadissimos ladrões!*...



N'estas circumstancias vemo-nos obrigados a mudar as guardas á fechadura...

Nós, folha satyrica, de opposição chronica, aggressiva por essencia e escripta por quem tão pouco vale, n'alguma coisa nos devemos distinguir dos jornaes serios, graves, reflectidos e cuja direcção está confiada aos talentos mais grados tanto do jornalismo como da politica...

Uma vez que os homens mais illustres se estão reciprocamente tratando de ladrões, façamos nós precisamente o contrario, empregando um vocabulario de sala para com os proprios *habitués* da enxovia.

Assim fica entendido que, em nós tratando alguém por *distinctissimo cavalheiro*, é exactamente como se lhe estivessemos chamando *refinadissimo malandro*.



O Tejo, que era um individuo puro em toda a extensão da palavra, — como nem podia deixar de ser, na sua qualidade de Tejo de crystal; — o Tejo acaba de perder essa pureza de sentimentos, manifestando-se-nos repentinamente um especulador de alto lá com elle!

Correndo a época de ferias theatraes e não tendo por concorrentes senão os theatros da feira de Belem, cujos recursos espectaculosos nunca vão muito além do incendio figurado pela combustão da reima em pó e devidamente assoprada pelo canudo de folha de Flandres; o Tejo de chystal lembrou-se de especular com a exhibição dos incendios — espectáculo este de todos o mais bem accéite no *truc* das visualidades scenicas.

Pela millionesima vez houve um incendio atterrador na Outra Banda.

O que chega a parecer impossivel é como a Outra Banda, depois de tantos e tão repetidos incendios, ainda por lá tem materia combustivel, e como o Jayme Arthur da Costa Pinto ainda possui carnes para se apresentar em crú, quando, depois de tal frequencia ao pé do fogo, tinha razão — tinha muito mais de que razão, tinha obrigação restricta — de estar assado como um peru ao sair do forno ou como o S. Lourenço ao passar d'esta para melhor.

Este excellento Jayme Arthur, no fim de contas, tem sido horriavelmente ludibriado nas suas aspirações de pac da patria.

Elle a imaginar que os eleitores de Almada lhe conferiam o mandato para os representar em camaras, quando elles não fizeram mais do que elegel-o para lhes acudir aos fogos!

Não é um deputado, é um bombeiro... involuntario.

Não o mandaram para o parlamento, mandaram-o para a casa da bomba...

Tendo agradado extraordinariamente o incendio da Outra Banda, o Tejo de crystal poz seguidamente em scena o mesmo espectáculo do outro lado (sem referencia a nossa brilhantissima cançoneta, cuja brilhantissima edição se vende em todas as livrarias.)

A marinagem dos navios de guerra americanos e italianos está verdadeiramente assombrada com esta frequencia de incendios, e combinando essa frequencia com a infinidade de duellos (em prespectiva) havido no mesmo curto espaço de tempo, resolveu levantar ferro e pôr-se ao fresco quanto antes, muito convencida de que isto é uma terra perigosissima, cujos naturaes teem por costume levar tudo *a ferro e a fogo!*...

PAN-TARANTULA



## CARTA DE D. MIGUEL

Meu primo:

Fui de *viage*

A India—lebraste tu?  
A terra p'ra que Bocage  
Arranjou a rima em u...

Por urgencia que não digo,  
Nem pude ir deixar sequer  
Um bilhete ao nosso amigo  
S. Francisco Xavier!

Sempre em gyro, de passeio,  
Lá mettido p'lo sertão,  
Ha seis mezes que não leio  
—Graças a Deus—*A Nação!*

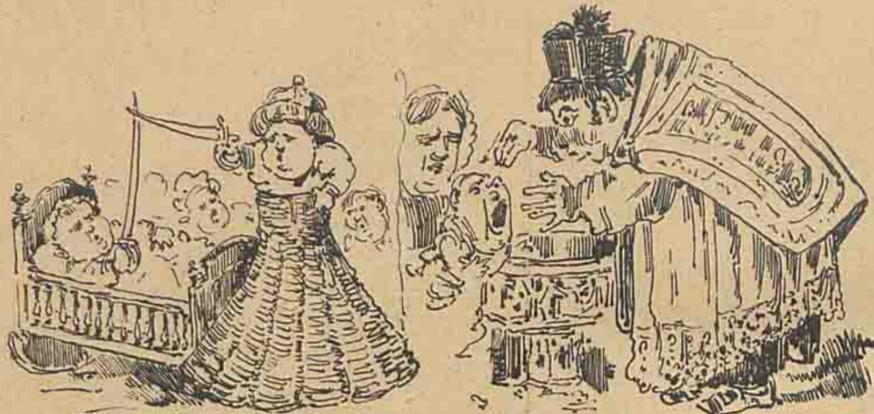
Qual guella sequiosa  
Que enxugar pôde uma cantara,  
Vou beber toda essa proza  
Que espremeu Pedro d'Alcantara.

Se é verdadeira a versão,  
Pode o primo D. Luiz  
Entregar a reinação  
Ao meu primo mais petiz;

Quando, acaso, este resuma  
Minha pena de proscripto,  
Não vou lá nem por mais uma,  
Não vou lá e tenho dito...

HISTORIA PHANTASTICA

DO PAIZ NOS DUELOS



Todo o paiz — mais um terço —  
Se compõe de jornalistas ;  
E estes todos, desde o berço,  
São temiveis duellistas !

Sobre a pia baptismal  
O padre deita-lhes logo  
Grãos de polv'ra, em vez de sal,  
Dentro das boccas... de fogo !



O ministro, tendo empenho  
Em fazer coisas sensatas,  
Muda o curso de desenho  
P'lo curso de escrever actas.



N'uma faina do diacho  
Andam p'las ruas do centro  
Trens p'ra cima, trens p'ra baixo,  
Levando os padrinhos dentro !



As famílias, a quem agua  
Nunca ao corpo deu quebranto,  
Cheias de susto, de magua,  
Lavam-se em ondas de pranto !

Choram lagrimas ás bolhas  
Do tamanho de batatas,  
Emquanto não vem as folhas  
Trazendo novas... das actas,



Com que a honra ficou lisa,  
Espremida, limpa e bella,  
Qual peitilho de camisa  
Ao sahir d'uma barrella...



De papel já velho e sujo,  
Botes, saveiros, fragatas,  
Carregam p'ra o Caramujo  
Por minuto um milhão d'actas !



Mas, n'isto, trazendo o peito  
De balaios posto a provas,  
Surge na rua um sujeito  
Chamado o 'Rebenta Trovas !

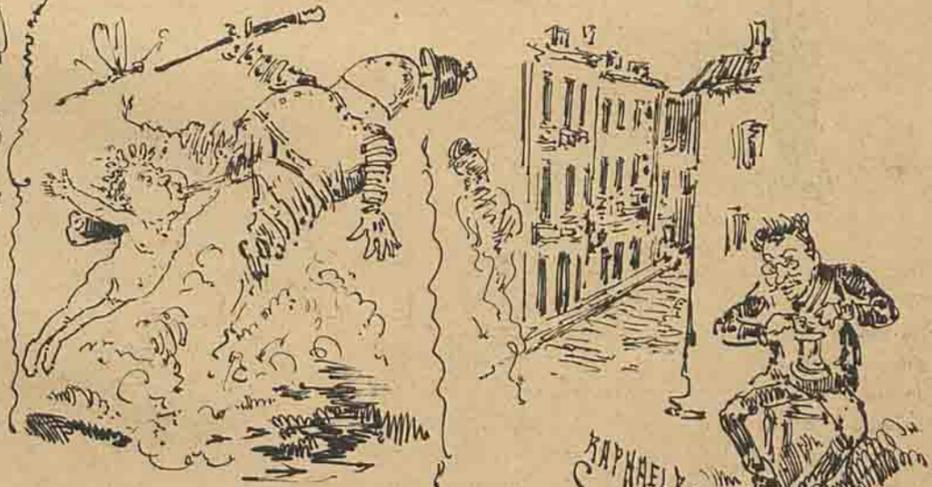
Qual nós trememos de frio,  
Treme de medo a cidade,  
Treme a estatua do Rocío  
E a arvore da liberdade !



Treme o Tejo de crystal,  
Tremem varzeas, tremem montes,  
A carta constit'cional  
E a carta do senhor Fontes!!!



Tremem, caindo em fanicos,  
As mil estrellas dos ares,  
O throno, a casa dos bicos,  
—Treme o Justino Soares!!!!!!



N'isto, um zephiro innocente,  
Ao ver figura assim bella,  
Diz: — Oh! que homem tão valente!  
... E dá-lhe uma assopradella...

Ficam as ruas pacatas  
Como um deserto de arcia  
E os duellistas das actas  
Vão p'ra casa fazer meia.....

Apesar de perdoado,  
Receio, em vindictas velhas,  
Que appetença a algum *malhado*  
Fazer-me póda ás orelhas...

A minha isenção critique-a  
Quem quizer — que o não extranho —  
Mas quero aquella *reliquia*  
Sempre do mesmo tamanho...

Pela copia

PAN-TARANTULA.



## MARIANNO PINA



«... E balbuciará ás vezes,  
Fingindo que lhe esqueceram  
Alguns termos portuguezes»

escrevia um poeta illustre, referindo-se aos *parvenus* que, passando dois dias no estrangeiro, se esquecem logo da lingua patria — que ni nca chegaram a saber.

Marianno Pina, se vivêra no tempo do poeta, não lhe teria por certo inspirado semelhante estrophe,

Elle vem precisamente o que foi, com um grande *chic* parisiense, diga-se de passagem, mas portuguez dos quatro costados, interessando-se vivamente por tudo isto, e fallando o portuguez correctissimo que sempre fallou; fallando pelos cotovellos, ao ponto de nos parecer que vem antes do Algarve de que de Paris — salva a respectiva elegancia de estyllo...

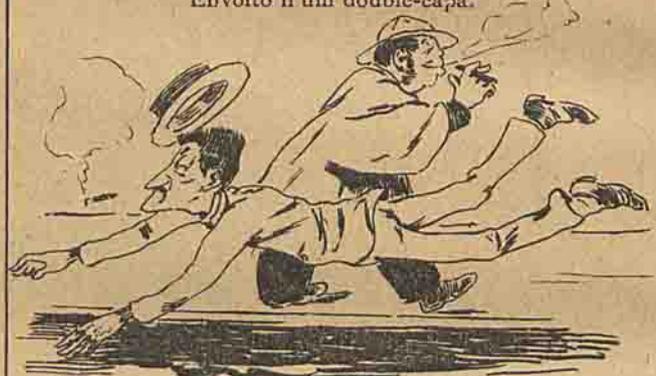
Aqui o abraçamos no papel, depois de felizmente o havermos abraçado em carne e osso.

## CASOS, TYPOS E COSTUMES

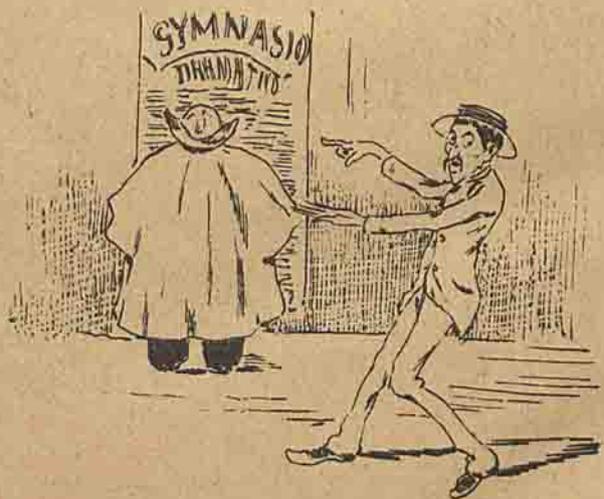
### O HOMEM DO DOUBLE-CAPA



Sahia Amancio Diogo  
Da sua casa, na Lapa,  
E ao sahir esbarrou logo  
Mesmo de frente, de chapa,  
C'o um *sucio* a pedir-lhe fogo,  
Envolto n'um double-capa.



Segue Amancio p'lo passeio,  
A vêr se da lama escapa;  
Mas de escapar não ha meio,  
Sobre a lama cae de chapa,  
Tropeçando mesmo em cheio  
Co'o *sucio* do double-capa!



Quer lêr na esquina um cartaz,  
Do espectáculo extenso mappa.  
Tal coisa, porém, não faz,  
Pois que o programma lhe tapa,  
O vulto atroz, pertinaz,  
Do *typo* do double-capa!



Quasi o dar tremendo estoiro,  
Co'uma urgencia que o solapa,  
Corre lesto, como um toiro  
Que persegue a rubra capa...  
—Mas la está no somidoiro  
O melro do double-capa!



Opresso de atroz mandinga,  
Entra na tasca á socapa;  
Mas seu desejo não vinga,  
Já não encontra zurrapa...  
—Bebêra a ultima pinga  
O gajo do double-capa!



Grito raivoso, damnado,  
Dos seccos labios lhe escapa...  
No barbeiro entra, apressado,  
P'ra ver se os cabellos rapa...  
E acha o logar ocupado  
P'lo ponto do double-capa!



Sac d'ali como um foguete,  
No Gymnasio entra á socapa;  
Fallando em voz de falsete  
P'ra o postigo se acachapa...  
—O derradeiro bilhete  
Comprá-ra-o o do double-capa!



Com desespero profundo  
Quer afinal ir p'ra a rapa...  
Vae buscar, no baixo mundo,  
A Concha alegre e guapa...  
Fôra a Concha p'ra o Dá-Fundo  
Co'a besta do double-capa!!...



Quer viver do mundo longe,  
Pede a protecção do Pápa,  
E o Pápa p'ra que o lisonge,  
Manda-o p'ra a ordem da Trapa...  
...Vem recebel-o p'ra monge  
O sucio do double-capa!!!...

## ANTONIO MARIA SESOSTRIS PEREIRA DE MELLO



Tendo governado 3885 annos antes da era de José Luciano, o grande Sesostris, perfeitamente mumificado, resurge enfim, para escrever cartas com as quaes lança o terror e os erros grammaticos no seio da Europa e do *Diario de Noticias*!...